# ESTUDO DA ANÁLISE DE CONTEÚDO: PRINCÍPIOS E FASES DA METODOLOGIA

Maiuly Figueiredo de Castro – estudante (bolsista UNESPAR) Unespar/*Campus CuritibaI/EMBAP*, [maiulycastro08@gmail.com](mailto:maiulycastro08@gmail.com)

Prof. Dra. Cristiane H. V. Otutumi - orientadora Unespar/*CuritibaI/EMBAP*, [cristiane.otutumi@ies.unespar.edu.br](mailto:cristiane.otutumi@ies.unespar.edu.br)

Modalidade: Projeto de Pesquisa Programa Institucional: UNESPAR – PIBIC

Grande Área do Conhecimento: Linguística, letras e artes

# INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta pesquisa foi estudar os princípios e fases da metodologia proposta por Laurence Bardin ao longo do livro *Análise de Conteúdo*. A justificativa do projeto se relacionou com a experiência empírica da professora ao observar como têm sido aplicados os procedimentos da Análise Conteúdo no âmbito da pesquisa em Música. Nesse sentido, acompanhando uma utilização muitas vezes pouco estruturada ou resumida da análise de conteúdo, tornou-se indispensável para nós uma análise documental do próprio livro.

Foram encontrados na literatura uma gama de aspectos problemáticos dessa falta também em outras áreas do conhecimento, tais como Administração, Educação, Psicologia, etc. Devido à grande quantidade de trabalhos que têm embasamento em Bardin nas diferentes áreas do conhecimento, essa iniciativa (que nos parecia pontual da nossa área) tomou novas perspectivas e, portanto, contém uma abordagem qualitativa cujo objetivo específico foi aprofundar o conhecimento sobre o histórico e fases dessa técnica.

# MATERIAIS E MÉTODOS

Para a consolidação do trabalho, foram realizadas leituras reflexivas entre orientanda e orientadora em uma abordagem qualitativa, com anotações de cada parte do livro. Foram renomeados os capítulos para facilitação da comunicação entre as pesquisadoras – já que os

títulos originais citam várias vezes o termo “parte”. Após algumas complicações reorganizamos, chamando-as de capítulos e subcapítulos. Foram lidos textos que dialogam sobre a problemática do uso da metodologia em pesquisas de diferentes áreas e, por fim, elaborado um texto em tópicos com a síntese dessas informações.

Livro utilizado (após verificação de algumas edições, decidimos por duas mais atuais):

* Análise de Conteúdo – Laurence Bardin (edições de 2021 e 2020), Edições 70 Lda, chancela de Edições Almedina, Portugal. Título original: L’Analyse de Contenu (1977). Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.

# RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira observação a ser feita é que a má utilização da análise de conteúdo como método de tratamento de dados não se restringe à alguma área do conhecimento específica. Diferentes autores têm feito registros desses caminhos tratados sem a devida transparência nos procedimentos, nas escolhas categoriais e na inferência dos dados coletados.

Durante a leitura do livro de Bardin (2020) foram refletidos sobre os contextos da análise, os tipos de documentos e como explorá-los, refletir sobre os momentos de foco na elaboração das hipóteses, bem como sobre os processos históricos que direcionaram novas atitudes, novos questionamentos dos analistas e novas perspectivas de indicadores de análise - geralmente provenientes de debates em congressos e encontros acadêmicos nos EUA e na Europa.

Portanto, os apontamentos realizados sobre os textos dos capítulos 1, 2 e 3 foram essenciais para a elaboração do quadro síntese final das etapas do método. Aliás, nesse quadro foram elencados os principais elementos e palavras-chave que revelam ao leitor a trilha de etapas para a análise ser cumprida, entretanto, é indispensável a leitura do livro - fonte principal.

# A ANÁLISE DE CONTEÚDO DE BARDIN E ALGUMAS PROBLEMÁTICAS DA ATUALIDADE

A Análise de Conteúdo (AC) no Brasil tem sido estudada por diferentes autores e, dentre os estudos, focalizamos o levantamento de Sampaio et al (2021), com a investigação de artigos na base da Scielo entre os anos de 2002 e 2019 em várias áreas. Sampaio et al (2021) chegaram ao universo de 3.484 artigos sendo que a maioria deles tiveram origem nas Ciências da vida (em destaque educação física, enfermagem e saúde coletiva) e em seguida a área de Humanidades (administração, ciência política, ciências contábeis, comunicação, educação, psicologia, sociologia, dentre outros). Os autores identificaram características de usos da Análise de conteúdo bem como problemáticas no uso da metodologia. É possível observar que há:

* + Falta de descrição dos procedimentos da Análise de Conteúdo e critérios de organização e seus indicadores;
  + Preocupantes níveis de transparência na seleção de documentos e fontes aplicáveis nos trabalhos encontrados;
  + Desenvolvimento inadequado das categorias de análise, embora citem o uso da metodologia AC;
  + Não seguimento dos preceitos de Bardin como o rigor da objetividade e melhor interpretação de dados.

A exemplo do que foi destacado nos tópicos acima há diferentes demonstrações das fontes com referências a outros autores que pesquisaram em seus próprios campos de atuação. Na Psicologia, há vários artigos sem descrição das operações de AC:

[...] Castro, Abs e Sierra, por sua vez, observaram, nos **83 artigos de 6 periódicos indexados na base SciELO (Psicologia),** que, via de regra, os trabalhos **não oferecem descrição de nenhuma das operações** de AC, tais como critérios de organização, indicadores e procedimentos de inferência. (SAMPAIO et al, 2021, p.4, grifos nossos).

Já na área de Administração - ensino e pesquisa, é possível verificar a falta de transparência nas etapas de trabalho com a AC:

[...] Ao analisar a qualidade dos artigos, Seramim e Walter indicaram que 75% **não deixavam claras as etapas** definidas por Bardin, sendo que 18 artigos apenas citam que utilizaram AC, “mas não é possível identificar como o método foi aplicado no contexto do trabalho” (p. 262). (citados por SAMPAIO et al, 2021, p.4, grifos

Também da Administração, com um levantamento proveniente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD), Silva, Cunha, Gaspari e Moura (2017) dizem verificar a falta de preparo dos pesquisadores para utilização da Análise de Conteúdo: [...] havia uma aparente **falta de preparação dos pesquisados no uso da técnica**, uma vez que, do corpus analisado, apenas dois papers realmente a aplicavam de forma plena. (citados por SAMPAIO et al, 2021, p. 4, grifos nossos). Além disso, Gomes et al (2020) [...] indicaram que os trabalhos analisados não seguiram adequadamente os preceitos de Bardin em termos do rigor da **objetividade** e de melhor **interpretação** dos dados. (citados por SAMPAIO et al, 2021, p. 5, grifos nossos).

No final de sua explanação sobre o panorama de uso da metodologia de Análise de conteúdo, Sampaio et al (2021, p.5) afirmam que:

de que:

[...] Diversos estudos aqui revisados identificaram uma predominância de Bardin como autora mais citada da técnica. Não obstante, esses levantamentos confirmam que grande parte dos trabalhos não segue o método proposto pela autora, não indicando, por exemplo, as unidades de registro, fases do processo de codificação ou contexto utilizados.

É importante frisar também outros dados levantados nesse trabalho de 2021: a reflexão

* Os dados confirmam a utilização dominante de Bardin como referência da Análise de Conteúdo, e seu livro como fonte predominante, com alta intensidade no Brasil;
* Essa recorrência traz um alerta sobre a necessidade de atualização dos procedimentos de pesquisa, da própria atualização da técnica e das maneiras de se agregar novas formas de análise (e de dados) como softwares, programas e aplicativos tecnológicos nessa metodologia.

Dessa forma, os autores terminam sublinhando que: [...] Não é que a análise de conteúdo como técnica em si esteja ultrapassada. Talvez o que esteja desatualizado seja a discussão metodológica, em nível mais amplo, e os próprios manuais, no sentido mais

específico. (SAMPAIO ET AL, 2021, p.17). Vale destacar que os autores também incentivam pesquisas futuras que busquem pôr em prova suas próprias conclusões sob novas bases de dados.

# ANOTAÇÕES E REFLEXÕES DO LIVRO (edição de 2020)

Fizemos a leitura do livro desde o início, do prefácio até os últimos ensinamentos do capítulo 3 em que se dá ênfase à teoria e ao método. Entretanto, para uma comunicação mais assertiva entre pesquisadores foi resolvido fazer anotações e reflexões mais detalhadas nesse projeto de IC da parte 1 (fases e teoria, com o critério de que fossem evidenciados aspectos processuais da elaboração do método). Nesse sentido, no texto 3.5 a descrição se torna breve e em forma de quadro síntese, para dar segmento à reflexão final da leitura. Como há repetição do termo "partes" para diferentes textos do Sumário, fizemos uma organização dele para nos facilitar os apontamentos - ver anexo.

Após redimensionar os capítulos, foi escolhido fazer a leitura cronológica, como promove a sequência do livro. A ideia foi: a) fazer a leitura e b) sintetizar os subtextos com uma visão panorâmica com um elencar básico de tópicos principais trazidos pela autora.

Portanto, seguem os itens dos capítulos iniciais e seus respectivos pontos de destaque.

# Anotações e reflexões sobre a Introdução e Prefácio

Os textos iniciais do livro foram escritos pela própria Laurence Bardin. Eles trazem a contextualização do tema, buscando expor a situação histórico-social da época em que foi escrito, como e em qual circunstância da vida pessoal da autora surgiu a primeira ideia para sua escrita.

Após, inicia-se uma breve explanação de como a autora vê a Análise de Conteúdo, como esta última se comporta nos diferentes meios e temas. Os textos de Introdução e Prefácio também deixam claro a intenção e os objetivos do livro enquanto material auxiliar de estudo, reforçando todos os seus processos de raciocínio.

Por tópicos, é possível ter uma visão geral da Introdução e Prefácio, que compreendem os seguintes temas:

* + Contextualização histórico-social e problemáticas encontradas pela autora;
  + Exposição da capacidade multidisciplinar da Análise de Conteúdo;
  + Definição do termo Análise de Conteúdo;
  + Objetivo do trabalho e
  + Breve descrição dos temas a serem abordados ao longo do livro.

No primeiro texto, a **Introdução**, a autora traz o começo de uma abordagem histórico- social, em que ela enuncia o surgimento das primeiras preocupações com a Análise de Conteúdo, os ambientes nos quais começaram a apresentar necessidades que posteriormente seriam supridas por métodos de análise de conteúdo:

[...] em meados dos anos 1970, assistiu-se a um período extremamente fértil de desenvolvimento das ciências sociais e humanas.[...] O método da análise dessas comunicações ainda não existia, mas a explosão comunicacional, bem como o interesse em compreendê-las, já estava presente. [BARDIN, 2020, p. 7].

Em outro momento, neste mesmo texto, é explicado as modificações feitas na atualização do livro em 1987 que, segundo Bardin, “foram bem recebidas pelos leitores”. Ao descrever tais mudanças, ela destaca a retirada do tópico “análise automática do discurso”, de Pêcheux; a adição de um novo capítulo com atenção voltada para a realização de entrevistas e uma “síntese sobre as experiências de análise proposicionais do discurso da equipe de Ghiglione”, segundo a autora.

Já no texto do **Prefácio**, também escrito por Bardin, ela inicia descrevendo os múltiplos fatores incluídos na temática da análise de conteúdo, dentre os quais está a dualidade de dois extremos: “Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade” [BARDIN, 2020, p. 11].

Adiante, ela explica de maneira resumida todos os temas a serem abordados ao longo do livro, sendo eles:(BARDIN, 2020, p. 12):

* Descrever a evolução da análise de conteúdo, delimitar o seu campo e diferenciá-la de outras práticas (primeira parte: história e teoria¹).
* Pôr o leitor imediatamente em contato com exemplos simples e concretos de análise, decompondo pacientemente o mecanismo dos processos (segunda parte: práticas).
* Descrever a textura, ou seja, cada operação de base, do método, fazendo referência à técnica fundamental a análise de categorias (terceira parte: métodos²).
* Apresentar, indicando seus princípios de funcionamento, outras técnicas diferentes nos seus processos mas que respondem à função da análise de conteúdo (quarta parte: técnicas).

# Anotações e reflexões sobre o capítulo 1, parte 1 - história e teoria

Neste capítulo destacamos os itens dos subtemas entre colchetes para não desidentificar o modo como a autora propõe o Sumário. Portanto, resolvemos apresentar os títulos entre aspas para que o leitor possa encontrar os tópicos de assuntos se comparado ao livro (em suas diferentes edições).

[item 1] *“Instrumento de análise de comunicações”*

Ao explicar sobre a chamada "pré-história" da Análise de Conteúdo, a autora chama atenção ao fato de que "[...] os textos já eram abordados de diversas formas", tendo em vista a uma "atitude interpretativa", segundo Bardin, que surgiu naturalmente nos séculos anteriores ao século XX. Inicialmente, essas interpretações tinham caráter religioso, na análise de textos bíblicos e outros misteriosos. De qualquer forma, era passível de interpretação tudo aquilo que possuía duplo sentido de significação, como explica a autora:

Por detrás do discurso aparente geralmente SIMBÓLICO e POLISSÊMICO, esconde- se um sentido que convém desvendar. (BARDIN, L., 2020, p. 16).

O principal objetivo das pesquisas feitas nesse tempo era a verificação de valor e autenticidade dos textos, baseada em "processos técnicos de validação", como cita Bardin.

[item 2] "*Definição e relação com as outras ciências"*

Com o foco geográfico sobre a América, especificamente sobre os Estados Unidos, a autora leva a exposição histórica para o início do século XX, quando a análise de conteúdo tem progressão significativa de desenvolvimento, que dá-se na área jornalística:

Desencadeia-se um fascínio pela contagem pela medida (superfície dos artigos, tamanho dos títulos, localização na página). (BARDIN, 2020, p. 17).

Tal progressão durou cerca de quarenta anos, segundo a autora. Logo em seguida à Primeira Guerra Mundial surge a interpretação e estudo de propagandas, que

foi

fortemente amparado por H. Lasswell, que Bardin intitula como o primeiro nome da análise de conteúdo. Por conta do *behaviorismo,* Laurence afirma que ocorreu uma rejeição da introspecção em favor da objetividade, ou seja, a preferência por fatos quantitativos a qualitativos dentro da psicologia comportamental, tratando-os com rigor e cientificidade.

[item 3] *"1940-1950"*

Mais tarde, mas ainda nos Estados Unidos, tem-se o forte destaque das ciências políticas, que, segundo a autora, teve forte acentuação pela Segunda Guerra Mundial. Dentro desse período, chegou-se à conclusão de que "25% dos estudos empíricos que relevam da técnica de análise de conteúdo pertencem à investigação política".

Seguindo na área da política, Bardin afirma que tem-se um aumento do "número de investigadores especializados em análise de conteúdo", e, dentre eles — os investigadores especializados — estão os criadores do livro *The Language of Politics: Studies in Quantitative Semantics* (1949).

No discurso da autora, ela descreve formas e objetos em que a análise de conteúdo foi aplicada, contanto dois grandes exemplos: a análise do romance (obra literária) *Black Boy*, de Richard Wright e a análise das Cartas de Jenny, de Jenny Gove Masterson (pseudônimo da autora). A primeira análise citada tem caráter estatístico, decodificando o livro sob a descrição de uma simbologia pré definida por R. K. White (analista). A segunda análise pode ser de interesse psicossociológico, que ao ser analisada por A. L. Baldwin apresentou-se como "[...] uma <<análise da estrutura da personalidade>> (*personal structure analysis*), tendo por objectivo funcionar como um <<componente da perspicácia mais ou menos brilhante do clínico>>" (BARDIN, 2020, p. 20).

A autora finaliza a explicação histórico-social dos anos 1940-50 nos Estados Unidos mostrando falas de B. Berelson, que definem a análise de conteúdo de forma quantitativa, porém já mostrando prévias de uma preocupação com a dualidade entre a objetividade e a subjetividade. Em seguida, Bardin relata certa ignorância francesa em

aceitar os avanços americanos na área da pesquisa e análise de conteúdo, mostrando insatisfação com a paisagem social que se mostrou até meados de 1974, quando vê-se algum progresso na maneira francesa de pensar, que abre os ideais para a sistematização da análise de conteúdo, enfatizando ainda mais o rigor da objetividade nos métodos utilizados para a pesquisa.

É o período significativo de uma prática com uma metodologia nascente, onde as exigências de rigor e de objetividade pressentidas adquirem um caráter obsessivo, suscetível de encobrir outras necessidades ou possibilidades.(BARDIN, 2020, p. 21).

[item 4] *"1950-1960: EXPANSÃO E PROBLEMÁTICA"*

Para a autora, quem narra essa trajetória histórica, esse período foi: "[...] caracterizado pela expansão das aplicações da técnica a disciplinas muito diversificadas e pelo aparecimento de interrogações e novas respostas no plano metodológico". (BARDIN, 2020, p 21). A expansão se dá a partir do início dos anos 50 pelo fato de haver diferentes congressos interessados na *Psicolinguística*. Foi na Allerton House Conference (1955), em Illinois (USA) e contribuições de outros eventos e publicações, que se multiplicou o interesse na análise conteúdo, trazendo também novas perguntas: "A análise de conteúdo entra, de certo modo, numa segunda juventude. A etnologia, a história, a psiquiatria, a psicanálise, a linguística, acabam por se juntar à sociologia, à psicologia, à ciência política, aos jornalistas, para questionar estas técnicas e propôr a sua contribuição" (BARDIN, 2020, p. 22).

Dois modelos acabam tendo direções contrárias: a) de comunicação

**instrumental** (por A. George e G. Mahl); b) de comunicação **representacional** (por

G. E. Osgood). A seguir uma básica explicação:

[...] representacional significa que o ponto importante no que diz respeito à comunicação é o revelado pelo conteúdo dos itens lexicais nela presentes, isto é, que algo nas palavras da mensagem permite ter indicadores válidos sem que se considerem as circunstâncias, sendo a mensagem o que o analista observa. Grosso modo, "instrumental" significa que o fundamental não é aquilo que a mensagem diz à primeira vista, mas o que ela veicula, dados o seu contexto e as suas circunstâncias" (BARDIN, 2020, p.22).

Seguindo essa perspectiva de pensamentos, no plano metodológico houve a divergência entre a abordagem quantitativa e a qualitativa. Dessa forma, o que se destaca na quantitativa é a "frequência com que surgem certas características do conteúdo"; sendo que na qualitativa é a "[...] presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem" (p.23).

Enfim, os diálogos proporcionaram um certo fator de equilíbrio já que:

[...] Por um lado, a exigência de objectividade torna-se menos rígida, ou melhor, alguns investigadores interrogam-se acerca de regra legada pelos anos anteriores, que confundia objectividade e cientificidade com a minúcia da análise de frequências. Por outro, aceita-se mais favoravelmente a combinação de compreensão clínica, com a contribuição da estatística. Mas, para além do mais, a análise de conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance descritivo (cf. os inventários dos jornais do princípio do século), pelo contrário, toma-se consciência de que a sua função ou o seu objetivo é a *inferência*. Que esta inferência se realize tendo por base indicadores de frequencia, ou, cada vez mais assiduamente, com a ajuda de indicadores combinados (cf. análise das co-ocorrências), tomando-se consciência de que, a partir dos resultados da análise, se pode regressar às causas, ou até descer aos efeitos das características das comunicações". (p.23).

[Item 5] *"De 1960 a 1975: Computadores e Semiologia"*

Neste período o computador teve uma significativa contribuição para as discussões e produções relativas aos procedimentos com a adição dessa nova ferramenta auxiliar de análise. Segundo a autora: "[...] o computador vem oferecer novas possibilidades, mas a realização de um programa de análise exige um acréscimo de rigor em todas as fase do procedimento". (p.24), como por exemplo: "[...] exige-se uma preparação dos textos a tratar e, por conseguinte, uma definição mais precisa das unidades de codificação, e tornar operacionais procedimentos de análise automática das unidades de contexto, quando o sentido de uma unidade de registro é ambíguo". (p.25).

Dentre as contribuições do uso do computador nas análises segundo a autora, são a facilidade da utilização de testes estatísticos, e a possibilidade de tratamentos com muitas variáveis. Em 1967, um congresso na Filadélfia (The Annenberg School of Communications), destaca a autora, foi muito discutido o tema. Mas, um outro fator trouxe à tona os desafios da análise de conteúdo: o 'território semiótico', "[...] portador de um novo dinamismo, vem,

através dos seus novos objectos (a imagem, a tipografia e a música, por exemplo) perturbar o movimentos relativamente linear da análise de conteúdo". (BARDIN, 2020, p.26).

[Item 6] *"Atualidades (da edição de 2020) "*

De maneira a trazer a análise de conteúdo a um contexto mais atualizado, a autora apresenta as tendências de estudo em meados dos anos 70, que se concentram em transpor os conteúdo de análise de conteúdo já conhecidos para a informática, ao passo que também observou-se tentativas de avanço em áreas como a lexicometria, enunciação, linguística, etc.

# Anotações e reflexões sobre o capítulo 1, parte 2 - História e Teoria

"Parte 2 - Definição e relação com as outras ciências" [item 1] *"O rigor e a descoberta"*

De um modo geral, a autora destaca 2 objetivos importantes dos métodos da análise de conteúdo: 1) a superação da incerteza ('será a minha leitura válida e generalizável?'); 2) o enriquecimento da leitura ('poderá a leitura aumentar a produtividade e a pertinência?').

Diante das diferenças e colocações expostas no item anterior, observamos que aqui a autora comenta: a análise de conteúdo da mensagens [...] "deveria ser aplicável - com maior ou menor facilidade, é certo - a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte (do tam-tam à imagem, tendo evidentemente como terreno de eleição o código linguístico)" (p. 31).

Outro ponto levantado são as funções da análise (podem ou não dissociar-se: 1) função heurística - quando a AC enriquece o que é explorado ('para ver o que dá'); 2) função administração de prova: quando a AC para servir de prova, ou seja, "[...] hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias, servindo de directrizes, apelaram para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação" (p.31) (invalidação).

A autora termina esse breve item estimulando perguntas que nos fazem pensar sobre como utilizaremos a análise de conteúdo, para que finalidade, quais as fronteiras do estudo e

de sua aplicação. E isso nos parece muito útil para refletir e auxiliar no campo de prática metodológica com Música.

[item 2] "*O campo"*

Segundo Bardin, “A análise de conteúdo é um *conjunto de técnicas de análise das comunicações.*” (p.33), porém ela afirma que a AC é um único meio de análise que é adaptável ao vasto campo das comunicações, possuindo, assim, diversas formas. Alguns exemplos de aplicação da análise de conteúdo, são: (BARDIN, 2020, p. 33)

* desmascarar a axiologia subjacente aos manuais escolares;
* radiografar a rede de comunicações formais e informais de uma empresa a partir das ordens de serviço ou das chamadas telefónicas;
* medir a implicação do político nos seus discursos; pôr em relevo o esqueleto ou a estrutura da narrativa das histórias humorísticas;
* etc.

Para a autora, os textos ou códigos a serem explorados e interpretados pela análise de conteúdo, se dividem em seus níveis de complexidade, cujo efeito é tido pelo nível de estabilidade do código e explorações já feitas.

[...] quanto mais o código se torna complexo, ou instável, ou mal explorado, maior terá de ser o esforço do analista, no sentido de uma inovação com vista à elaboração de técnicas novas. (BARDIN, 2020, p. 34).

Pelo ponto de vista do analista principiante, encontrar material de referência cujo objeto de análise seja o mesmo ou ao menos semelhante ao seu, pode servir de grande ajuda. Portanto Bardin critica aqueles autores analistas que apenas mostram todos os seus resultados, sem preocupação em também indicar os processos de análise seguidos durante a pesquisa, meio este que Bardin intitula como uma “hesitante alquimia” (p.34).

Ao memorar a imensidão do campo aplicável à AC, Laurence afirma que todos os códigos e comunicações deveriam ser passíveis da interpretação da análise de conteúdo. Com isso, a autora cita P. henry e S. Moscovici (1968), que diz que “tudo o que é dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo” (BARDIN, 2020, p.34).

Apesar de se apoiar nos autores, Bardin tem uma opinião diferente em relação à abrangência das aplicações de AC, afirmando que seu campo vai muito além, em áreas da não linguística:

Ora, quaisquer que sejam as dificuldades de aplicação ou de transposição das técnicas da análise de conteúdo para as comunicações não linguísticas e os exageros a que por vezes conduz a recente moda da semiologia, parece difícil recusar-se ao vasto campo das comunicações não linguísticas (ao qual se aplica, por comodidade, os termos do campo semiológico ou semiótico) os benefícios da análise de conteúdo. (BARDIN, 2020, p. 35).

Por fim, a autora exemplifica seu pensamento na configuração de um quadro ilustrativo cujo objetivo é mostrar algumas das amplas aplicações da análise de conteúdo (ver Bardin, 2020, p.36).

[item 3] "*A descrição analítica"*

L. Bardin afirma que a descrição analítica “funciona segundo procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2020, p.37) e a intitula como uma fase de “tratamento da informação”.

Embora a AC possa ter uma face voltada para a área dos significados, a autora coloca o tratamento *descritivo* da informação como sendo a primeira fase do procedimento da descrição analítica.

Dentre as múltiplas descrições válidas para a análise de conteúdo, Bardin volta a citar

B. Berelson, que possui uma técnica de validação com cinco regras da *fragmentação objetiva*, que a autora qualifica como “raramente aplicáveis”. Tais regras são: (Bardin, 2020, p. 38):

* homogéneas: poder-se-ia dizer que “não se mistura alhos com bugalhos”;
* exaustivas: esgotar a totalidade do “texto”;
* exclusivas: um mesmo elemento do conteúdo não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias diferentes;
* objectivas: codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais;
* adequadas ou pertinentes: isto é, adaptadas ao conteúdo e ao objectivo.

Com isso, Bardin classifica dois processos importantes ainda dentro da fragmentação objetiva: as “unidades de codificação” e as “unidades de contexto”.

Unidades de codificação, segundo a autora, são as unidades de registro, aquelas que de acordo com o material ou código analisado podem ser “[...] a palavra, a frase, o minuto [...]” (p.38). A depender da dificuldade de organização dos sentidos dos códigos analisados, têm-se necessárias as unidades de contexto, que sendo “[...] superiores à unidade de codificação, as quais, embora não tendo sido tomadas em consideração no recenseamento das frequências,

permitem contudo compreender a significação dos itens obtidos, repondo-os no seu contexto” (p.38).

Os métodos e procedimentos descritos pela autora tornam-se úteis em certas ocasiões, entretanto em casos como a análise de imagens ou textos não linguísticos, estes procedimentos tornam-se inacessíveis, na maior parte das vezes. Contudo, o método é muito utilizado e também nomeado como o “método das categorias”, segundo Bardin. Possui caráter taxonómico, com o objetivo de “[...] introduzir ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente”.

Mais a frente, a autora discorre um caso fictício para exemplificar uma aparente desordem que, com alguns critérios de classificação, torna-se ordenada, possibilitando assim o tratamento dos dados obtidos. Tais *critérios de classificação* dependem “[...] daquilo que se procura ou que se espera encontrar” (p.39)

Em último lugar, a autora discorre sobre um outro tipo de análise: a análise estrutural (proveniente da análise categorial supracitada), que define a estrutura-tipo do objeto analisado e também algumas regras de associação, equivalência ou exclusão.

[item 4] *"A inferência"*

Nesse subtexto a autora apresenta a definição de inferência a partir da metáfora de que o "analista é um arqueólogo", por exemplo: [...] trabalha com vestígios: os 'documentos' que pode descobrir os suscitar" (BARDIN, 2021, p.41). Dessa forma, "o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para *inferir* (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio" (BARDIN, 2021, p.41).

De acordo com a autora, o analista trabalha com índices, procedimentos, sendo a *descrição* (enumeração das características do texto, resumida após tratamento) a etapa anterior à interpretação (significação concedida a estas características); e a inferência a etapa que faz mediação entre elas.

Para dar parâmetro a inferência, é possível acompanhar o que ela vem à responder:

* + Causas da mensagem (antecedentes da mensagem): o que levou a determinado enunciado?
  + Efeitos da mensagem (consequências que o enunciado vai provocar).

[item 5] *"A análise de conteúdo e a linguística"*

Neste item, Bardin enuncia as principais divergências entre a análise de conteúdo e a linguística, bem como sua semelhança com outras subáreas (a semântica, a sociolinguística, a lexicologia, a estatística linguística e a análise do discurso).

Para diferenciar os dois primeiros — AC e linguística — a autora cita com grande peso F. de Saussure, quando diz que "a distinção fundamental proposta por F. de Saussure entre *língua e fala*, e que fundou a linguística, marca a diferença. O objeto da linguística é a língua [...] enquanto que o da análise de conteúdo é a fala" (Bardin, p. 45), tendo a primeira um aspecto *social* e a segunda *individual*.

Em uma comparação com um jogo de xadrez, feita por Saussure, a linguística "[...] estabelece o manual do jogo da língua" e a análise de conteúdo "tenta compreender os jogadores ou o ambiente do jogo num momento determinado [...]" (p.45). Em outras palavras, agora por Bardin:

[...] A linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras as quais se debruça. A linguística é um estudo *da* língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades *através* das mensagens. (BARDIN, 2020, p. 45).

Na correlação da análise de conteúdo com outras subáreas da linguística, a autora discorre sobre as definições da semântica (estudo dos significados), da sociolinguística (correlação entre estruturas linguísticas e sociais), da lexicologia (ciência do vocabulário), da estatística linguística (aplicação das estatísticas ao vocabulário) e da análise do discurso (possui muita semelhança com AC, mas seu objetivo vai além do objeto puramente linguístico, como cita a autora).

Por fim, a autora enfatiza:

[...] Estas ciências podem ser úteis à análise de conteúdo [...], mas a sua analogia é puramente técnica e limitada. (BARDIN, 2020, p. 46)

[item 6] *"A análise de conteúdo e a análise documental"*

A autora define a análise documental como: "[...] uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referenciação" (BARDIN,

2021, p.47). Dessa forma, o objetivo da análise documental é o armazenamento sob uma forma viável, facilitando o acesso com informações (quantitativas e qualitativas); portanto, é uma fase preliminar da construção de um banco de dados.

São documentos diferenciais da análise documental e da análise de conteúdo: 1) a análise documental trabalha com documentos, já a análise de conteúdo trabalha com mensagens; 2) a análise documental "faz-se, principalmente, por classificação-indexação; a análise categorial temática é, entre outras, uma das técnicas da análise de conteúdo" (p.48); 3) como visto antes, o objetivo da análise documental é "a representação condensada da informação, para consulta e armazenamento; o da análise de conteúdo é a manipulação de mensagens [...] para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem" (p.48).

# Anotações e reflexões sobre o capítulo 2 – Práticas

Neste capítulo, a autora traz uma abordagem representativa, exemplificando situações que ilustram os mecanismos da análise de conteúdo. Para um melhor entendimento, Bardin utiliza como exemplo um teste por associação de palavras. Neste teste foram averiguadas relações entre palavras e estereótipos. Na coleta de dados surgiram diversas outras palavras, de classificações diferentes, portanto têm-se necessário o tratamento dos dados: a classificação, que é iniciada com critérios simples como semelhança e repetição. Em seguida, são elaborados gráficos e tabelas mais precisos utilizando os números de repetições como forma de organização; após isso uma nova classificação por critérios semânticos e em último lugar estão as análises dos dados.

Nos diferentes itens (de subtemas) das práticas, a autora vai encaminhando sugestões de procedimentos e delineando com o leitor as possibilidades de direção das análises. Assim, são feitas análises com exemplo de respostas abertas (item 2), análise de comunicação de massa (horóscopo, item 3), análise de entrevista (férias e telefone, item 4) - que remetem a um grau profundo de elementos, combinações coordenadas deles e de percepções e formulações de hipóteses.

# Anotações e reflexões sobre o capítulo 3 – Método

Nesses apontamentos decidiu-se expor os procedimentos principais do método como forma didática e demonstrar brevemente os pontos abordados por Bardin. Portanto, em síntese, é possível apresentar por um breve quadro:

**Figura 1 Método de Análise de Conteúdo (Bardin, 2020)** - fases e procedimentos principais

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| **ETAPAS** | **MACRO AÇÃO** | **MICRO AÇÃO** | **LOCALIZAÇÃO** no  livro |
| **Fase 1** | **Organização** | **Contato e escolha dos documentos** | **p.121** |
|  | Pré Análise | Hipótese, amostra homogênea, representatividade |  |
|  | Exploração do  material | Fase duradoura: execução das decisões tomadas.  Codificação, Decomposição, Enumeração |  |
|  | Tratamento | Operações estatísticas, quadros, diagramas, figuras e modelos = põem destaque às informações obtidas na análise | destaque para o quadro síntese da p.128 |
| **Fase 2** | **Codificação** | **Dados são transformados em unidades que explicitam as características do conteúdo** | **p.129** |
|  | Unidades de registro (UR) e de contexto  (UC) | UR: palavra, tema, objeto, personagem, acontecimento, documento;  UC: dimensão maior que a UR. Critérios: custo e pertinência. |  |
|  | Regras de enumeração | [modo de contagem]  Presença ou Ausência; Frequência; Intensidade; Direção; Ordem; Co-ocorrência. |  |
|  | Análise quanti e  quali | *#quanti*: funda-se na frequência de aparição de elementos na mensagem; resulta em dados descritivos; mais objetiva; observação mais controlada;  *#quali*: a compreensão do sentido é essencial; é mais maleável e adaptável aos índices não previstos ou à evolução das hipóteses; é válida em elaborações de deduções.  #uma abordagem não rejeita a outra. |  |
| **Fase 3** | **Categorização** | **Classificação de elementos: diferenciação e** | **p.145** |

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
|  |  | **reagrupamento** |  |
|  | Princípios | #critério: semântico, sintático, léxico e expressivo;  #*categorias boas* precisam de qualidades: exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade/fidelidade, produtividade. | p.147 |
|  | Exemplos de conjuntos categoriais | a. análise de valores;   1. análise dos fins e dos meios;    1. análise da interação;   a. análise de um estado psicológico |  |
|  | Índices para computadores | [a autora cita diferentes programas, dicionários de índices para análise de conteúdo] |  |
| **Fase 4** | **Inferência** | **interpretação controlada** | **p.163** |
|  | Pólos de análise | [a) emissor, b) receptor, c) mensagem, d) o médium - instrumento, suporte material do código)  #níveis de análise: os significantes e os significados.  Planos: #o código: indicador de realidades subjacentes; #a significação: o que a mensagem oferece. |  |
|  | Processos e variáveis da inferência | [destacamos o quadro da p.170 em que há exemplos de variáveis da inferência em diferentes temáticas de análise de conteúdo] | p.170 |

Fonte: as autoras

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi estudar os princípios e fases da metodologia proposta por Laurence Bardin ao longo do livro *Análise de Conteúdo.* Ao verificarmos com Sampaio et al (2021) que havia problemáticas sobre a utilização da AC em diferentes áreas do conhecimento, vimos a necessidade de imersão nos capítulos 1 ao 3 do livro. Pela alta densidade de informações de Bardin (2020), foram realizados encontros de leitura, de discussão e de apontamentos durante as orientações - que extrapolaram as horas de dedicação previstas na IC.

Entretanto, é possível verificar que: a) a AC é uma metodologia com procedimentos e fases claras, mas com viés flexível de possibilidades de mini ações (tomadas de decisão sobre

a elaboração das hipóteses, a escolha dos materiais/documentos, o tipo de perspectiva de observação, a abordagem quali ou quantitativa; b) a ac pode ser compreendida em um escopo de trabalho quantitativo como de qualitativo, sendo possível verificar frequência de termos de modo mais objetivo, ou refletindo sobre sua significação - mais subjetivo; c) as mini tomadas de decisões (na escolha de como tratar as unidades de registro e contexto) podem mudar substancialmente as análises, portanto, é imprescindível o estudo aprofundado dos critérios de elaboração de categorias e as sugestões da autora em relação à dimensão das URE UC - que promovem a apresentação mais efetiva das características do que se é analisado.

Enfim, há uma série de benefícios na reflexão com o livro. Há uma evidente lacuna nas leituras e citações superficiais realizadas do livro na literatura acadêmica. Acreditamos que esse breve estudo possa incentivar novos estudantes da graduação em música e demais leitores interessados a compreender e a utilizar com mais propriedade a análise de conteúdo, revisitando o livro referencial e usufruindo de seus exemplos práticos e reflexões**.**

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edição revista e actualizada. Edições 70: Portugal, 2021.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes; CODATO, Adriano Nervo; MARIOTO, Djiovanni Jonas França; BITTENCOURT, Maiane; NICHOLS, Bruno Washington. Uma técnica parada no tempo? Mapeamento da produção científica baseada em análise de conteúdo na SciELO Brasil (2002-2019).